

UMA CURVA  
NO RIO  
V. S.  
NAIPAUL

PRIMEIRA PARTE  
A SEGUNDA  
REVOLTA

# 1

O mundo é o que é; homens que não são nada, os que se deixam tornar-se nada, nele não têm lugar.

Nazruddin, que me vendera barato a loja, achou que eu teria dificuldades ao assumir o negócio. O país, como outros na África, vivera distúrbios depois da independência. A cidade no interior, na curva do grande rio, quase deixara de existir; Nazruddin disse que eu precisaria começar do zero.

Parti da costa dirigindo meu Peugeot. Não é o tipo de viagem que se possa fazer hoje em dia na África — do

litoral diretamente ao centro. No caminho, há um grande número de lugares fechados ou cheios de sangue. E, mesmo naquele tempo, quando as estradas estavam mais ou menos abertas, o trajeto me tomou mais de uma semana.

Não foram só os areais e os atoleiros, as estradas serpeantes, esburacadas e estreitas subindo pelas montanhas. Havia toda aquela negociação nos postos de fronteira, aquelas barganhas na floresta, do lado de fora de cabanas de madeira que ostentavam bandeiras estranhas. Eu tinha de convencer os homens armados a nos deixar passar — eu e o meu Peugeot —, apenas para encontrar mato e mais mato. E depois eu tinha de arengar mais ainda, e desfazer-me de mais dinheiro, e ceder mais um pouco de minha comida enlatada, para sair — com o Peugeot — dos lugares em que convencera alguém a nos deixar entrar.

Algumas dessas negociações podiam levar a metade de um dia. O encarregado do lugar pediria uma quantia ridícula — dois ou três mil dólares. Eu diria não. Ele entraria em sua cabana como se não houvesse nada mais a discutir; eu ficaria do lado de fora, porque não havia outra coisa que pudesse fazer. E aí, depois de uma hora ou duas, eu entraria na cabana, ou ele sairia dela, e fecharíamos um acordo por dois ou três dólares. Era como Nazruddin dissera, quando lhe perguntei sobre vistos e ele disse que dinheiro era melhor. “Você sempre pode entrar nesses lugares. O difícil é sair. É uma luta particular. Cada um tem de achar seu caminho.”

Conforme eu me aprofundava na África — os descampados, o deserto, a subida rochosa das montanhas, os lagos, a chuva das tardes, a lama e depois o outro lado, o lado mais úmido das montanhas, as florestas de samambaias e as florestas dos gorilas —, conforme eu me aprofundava,

refletia: “Mas isto é loucura. Estou indo na direção errada. Não pode haver uma nova vida no final disto”.

Mas fui em frente. Cada dia na estrada era como uma conquista; a conquista de cada dia fazia com que fosse mais difícil voltar atrás. Eu não conseguia deixar de pensar que nos velhos tempos também fora assim, com os escravos. Eles haviam feito a mesma jornada. A pé, é claro, e na direção oposta: do interior do continente para a costa ocidental. Quanto mais eles se distanciavam do interior e de sua área tribal, mais diminuía a probabilidade de fugirem das caravanas e voltarem para casa, mais temerosos eles ficavam dos africanos estranhos que viam ao seu redor, até que finalmente, no litoral, já não causavam problema nenhum e mostravam-se positivamente ansiosos para entrar nos barcos e ser transportados para um lar seguro do outro lado do oceano. Como o escravo distante de casa, tudo o que eu queria era chegar. Quanto maiores os contratemplos da viagem, mais disposição eu sentia para seguir adiante e abraçar minha nova vida.

Quando cheguei, descobri que Nazruddin não mentira. O lugar tivera problemas: a cidade na curva do rio estava em boa parte destruída. O bairro europeu próximo às quedas-d’água fora incendiado e o mato crescera entre as ruínas; era difícil distinguir o que fora jardim do que fora rua. As áreas oficiais e comerciais próximas das docas e da alfândega haviam sobrevivido, assim como certas ruas residenciais no centro. Mas não restava muito além disso. Mesmo as *cités* africanas só estavam habitadas nas esquinas, mostrando-se arruinadas em outros pontos, com muitas das casas baixas de concreto, pintadas de azul ou verde-pálido e semelhantes a caixotes, abandonadas e infestadas de trepadeiras tropicais que cresciam rápido e morriam rápido, formando tapeçarias marrons e verdes nas paredes.

A loja de Nazruddin ficava numa praça que abrigava um mercado. Cheirava a rato e estava repleta de fezes, mas intacta. Eu comprara o estoque de Nazruddin — mas dele não vi sinal. Também havia pago por sua freguesia — mas isso já não queria dizer nada, porque um grande número de africanos voltara para a mata, para a segurança de vilas escondidas em afluentes de difícil acesso.

Depois de toda a ansiedade para chegar, não encontrei quase nada que pudesse fazer. Mas não estava sozinho. Havia outros comerciantes, outros estrangeiros; alguns haviam presenciado os distúrbios. Esperei com eles. A paz se manteve. As pessoas começaram a voltar para a cidade; os quintais da *city* se encheram. As pessoas começaram a ter necessidade dos bens que podíamos fornecer. E os negócios, devagar, recomeçaram.

Zabeth estava entre os meus primeiros clientes regulares. Era *marchande* — não uma comerciante, mas uma varejista, à sua maneira modesta. Pertencia a uma comunidade de pescadores, quase uma pequena tribo, e todos os meses vinha de seu vilarejo até a cidade para comprar sua mercadoria por atacado.

De mim, comprava lápis e cadernos, giletes, seringas, sabão, pasta e escovas de dente, tecido, brinquedos de plástico, panelas de ferro e frigideiras de alumínio, utensílios esmaltados e bacias. Essas eram algumas das coisas simples que os habitantes do vilarejo de Zabeth precisavam buscar no mundo exterior, coisas de que se haviam privado durante os distúrbios. Não eram bens essenciais nem luxos; eram coisas que tornavam o cotidiano mais simples. As pessoas aqui tinham muitas habilidades; sabiam se virar sozinhas.

Curtiam couro, teciam, fundiam ferro; transformavam grandes troncos de árvore em barcos e pequenos troncos em pilões de cozinha. Mas, para pessoas à procura de um vasilhame maior, que não vazasse nem contaminasse a comida e a água, imagine que bênção era uma bacia esmaltada!

Zabeth sabia exatamente do que as pessoas de seu vilarejo precisavam e quanto aceitariam ou teriam condições de pagar. Os comerciantes do litoral (inclusive meu pai) costumavam dizer — especialmente quando tentavam consolar-se por causa de uma compra ruim — que tudo, mais cedo ou mais tarde, achava um comprador. Não era o que acontecia aqui. As pessoas se interessavam por coisas novas — como as seringas, o que foi uma surpresa para mim — e até por coisas modernas; mas suas preferências haviam se estabelecido em torno dos primeiros exemplares aceitos desses objetos. Depositavam sua confiança num certo modelo, numa certa marca. Não adiantava tentar “vender” algo a Zabeth; eu tinha de me ater o máximo possível aos produtos usuais. Era um negócio enfadonho, mas desse modo se evitavam complicações. E isso contribuía para que Zabeth fosse a negociante boa e direta que era, algo incomum para uma africana.

Ela não sabia escrever nem ler. Levava suas complicadas listas de compras na cabeça e lembrava de quanto havia pago pelos produtos em ocasiões anteriores. Jamais comprava a crédito — odiava a ideia. Pagava em dinheiro, tirando as cédulas do *nécessaire* que levava consigo para a cidade. Todo comerciante conhecia o *nécessaire* de Zabeth. Não que ela desconfiasse dos bancos; ela não os entendia.

Eu lhe dizia, naquele dialeto ribeirinho que usávamos: “Um dia, Beth, alguém vai lhe arrancar o *nécessaire*. Não é seguro viajar por aí com o dinheiro desse jeito”.

“Quando isso acontecer, Mis’ Salim, vou saber que chegou a hora de ficar em casa.”

Era uma maneira estranha de pensar. Mas ela era uma mulher estranha.

Esse “mis” utilizado por Zabeth e outros era uma abreviação de “mister”. Eu era “mister” porque era de fora, alguém do litoral distante, e também porque falava inglês; era “mister” de modo a ser distinguido dos outros estrangeiros ali residentes, que eram “monsieur”. Isso, é claro, antes de o Grande Homem aparecer e tornar-nos a todos *citoyens* e *citoyennes*. O que foi aceitável durante algum tempo, enquanto as mentiras que ele nos fez viver não começaram a confundir e amedrontar as pessoas, fazendo-as decretar o fim de tudo aquilo e retornar ao princípio assim que um fetiche mais forte do que o dele foi encontrado.

A vila de Zabeth ficava a apenas uns noventa quilômetros dali. Mas era afastada da estrada — na verdade pouco mais que uma trilha; e era afastada do rio, também. Por terra ou por água, a viagem era difícil e levava dois dias. Por terra, durante a estação chuvosa, podia levar três dias. No começo Zabeth vinha por esse caminho, marchando com suas assistentes até a estrada e esperando lá por uma perua, um ônibus ou caminhão. Depois que os vapores voltaram a trafegar, Zabeth sempre usou o rio; e não era muito mais fácil.

Os canais secretos que atravessavam a vila eram rasos, cheios de troncos submersos e bancos de areia, infestados de mosquitos. Por esses canais, Zabeth e suas mulheres empurravam as canoas com varas até chegar ao rio. Lá, perto da margem, aguardavam o vapor, as canoas cheias de mercadorias — normalmente alimentos — que seriam vendidas aos passageiros do barco e da balsa que ele rebocava. A comida consistia sobretudo de peixes e macacos, frescos ou *boucanés*



— defumados à maneira do lugar, com uma grossa crosta negra. Às vezes havia uma cobra ou um pequeno crocodilo defumado, um tolete negro quase irreconhecível — mas com carne branca ou rosada por baixo da pele queimada.

Quando o vapor aparecia, com a balsa a reboque, Zabeth e suas mulheres avançavam até o meio do rio, deslizando rio abaixo com a corrente. O vapor passava; as canoas balançavam nas marolas; e chegava o momento crítico em que as canoas e a balsa se aproximavam. Zabeth e suas mulheres atiravam cordas para o deque inferior de aço, onde sempre havia mãos para agarrar as cordas e amarrá-las a algum balaústre, e as canoas, que antes deslizavam rio abaixo e contra a lateral da balsa, começavam a mover-se na outra direção, enquanto as pessoas na balsa atiravam pedaços de papel ou tecido sobre o peixe ou o macaco que desejavam comprar.

Esse atracar de canoas ao vapor ou à balsa em movimento era uma prática comum no rio, mas tinha seus perigos. Em quase toda viagem do vapor falava-se de alguma canoa que havia virado em algum ponto da rota interminável, e de pessoas que haviam se afogado. Mas o risco compensava: depois, sem grande esforço, *marchande* a vender os seus produtos, Zabeth era puxada rio acima até os limites da cidade. Perto das ruínas da catedral, um pouco antes das docas, ela soltava suas canoas para evitar os oficiais da alfândega, sempre ansiosos para recolher algum imposto. Que jornada! Tantas dificuldades e perigos para vender coisas simples de sua vila e levar outras coisas para as pessoas de lá.

Por um ou dois dias antes da chegada do vapor formava-se um mercado e um acampamento no espaço aberto diante dos portões das docas. Enquanto estava na cidade, Zabeth fazia parte desse acampamento. Se chovesse, dormia na varanda

de alguma mercearia ou de algum bar; mais tarde passara a alojar-se numa pensão africana, mas no começo não existiam lugares desse tipo. Quando vinha à loja não havia nada em sua aparência que denunciasse a difícil viagem ou as noites a céu aberto. Vestia-se formalmente, à maneira africana, envolta em um tecido de algodão que, por vincos e dobras, enfatizava a grandeza de seu traseiro. Usava um turbante — uma peça no estilo de quem morava rio abaixo; e carregava seu *nécessaire*, com as notas amassadas que recebera das pessoas de sua vila e das pessoas do vapor e da balsa. Ela comprava, ela pagava; algumas horas antes de o vapor partir novamente, suas mulheres — magras, baixas, de cabelo ralo e roupas de trabalho rasgadas — vinham buscar as mercadorias.

A jornada rio abaixo era mais rápida, mas igualmente perigosa, com a mesma atracação e desatracação das canoas à balsa. Naquele tempo o vapor deixava a cidade às quatro da tarde; assim, era noite alta quando chegava o momento em que Zabeth e suas mulheres deviam desprender-se da embarcação. Zabeth tomava cuidado para não revelar a entrada de sua vila. Desatracava; esperava que o vapor, a balsa e as luzes desaparecessem. Em seguida, ela e suas mulheres remavam ou deslizavam para o canal secreto e para o trabalho noturno de avançar sob as árvores frondosas.

Voltar para casa à noite! Não era frequente que eu me visse à noite no rio. Jamais gostei disso. Não me sentia seguro. Na escuridão da floresta e do rio você só tinha certeza daquilo que podia ver — e mesmo nas noites de luar não era possível ver grande coisa. Ao fazer um barulho — mergulhar um remo na água, por exemplo —, você se ouvia como se fosse outra pessoa. O rio e a floresta eram como presenças, e muito mais poderosas do que você. Você se sentia desprotegido, um intruso.

À luz do dia — embora as cores pudessem ser bastante pálidas e fantasmagóricas, com a névoa causada pelo calor sugerindo às vezes um clima mais frio — era possível imaginar a cidade sendo reerguida e se alastrando. Era possível imaginar as florestas sendo derrubadas, estradas sendo construídas por cima de arroios e pântanos. Era possível imaginar a terra sendo incorporada ao presente: foi assim que o Grande Homem se expressou mais tarde, oferecendo a visão de um “parque industrial” de mais de trezentos quilômetros ao longo do rio. (Mas ele não queria dizer isso realmente; era apenas seu desejo de parecer um mágico mais poderoso do que todos os que o lugar já conhecera antes.) À luz do dia, contudo, você podia acreditar naquela visão do futuro. Podia imaginar a terra se tornando normal, adequada a homens como você, assim como pequenas partes dela haviam se tornado normais por um pequeno período antes da independência — as mesmas partes que agora se encontravam em ruínas.

Mas à noite, se você estivesse no rio, era diferente. Você sentia a terra devolvê-lo a algo familiar, algo que você conhecera em outra época, algo esquecido ou ignorado, mas que sempre estivera lá. Você sentia a terra devolvê-lo àquilo que estivera lá cem anos antes, que sempre estivera lá.

Que jornadas fazia Zabeth! Era como se a cada vez ela saísse novamente de seu esconderijo para roubar do presente (ou do futuro) alguma carga preciosa que devesse levar até seu povo — aquelas navalhas, por exemplo, que seriam tiradas de seus embrulhos e vendidas uma a uma, maravilhas de metal —, uma carga que se tornava tanto mais preciosa quanto mais ela se afastava da cidade, quanto mais próxima ficava de sua vila pesqueira, o mundo real e seguro, protegido dos outros homens pela floresta e por braços

obstruídos de rio. E protegido de outras maneiras também. Aqui, qualquer um sabia que era observado do alto por seus ancestrais, habitantes permanentes de uma esfera superior cuja passagem pela terra não esquecida, mas essencialmente preservada, parte da presença da floresta. Na floresta mais profunda estava a maior segurança. Era dessa segurança que Zabeth se afastava para obter sua carga preciosa; era essa a segurança para a qual regressava.

Ninguém gostava de deixar seu território. Mas Zabeth viajava sem medo; ia e vinha com seu *nécessaire* e ninguém a molestava. Ela não era uma pessoa comum. Na aparência já não era como as pessoas de nossa região. Elas eram pequenas, magras e muito negras. Zabeth era uma mulher grande, de compleição acobreada; havia ocasiões em que esse brilho acobreado, especialmente em suas bochechas, parecia um tipo de maquiagem. Havia outra coisa a respeito de Zabeth. Seu cheiro era especial. Um cheiro forte e desagradável, e a princípio pensei — pelo fato de ela vir de uma vila pesqueira — que era um cheiro antigo e profundo de peixe. Depois pensei que tivesse a ver com uma dieta restrita. Mas as pessoas da vila de Zabeth com quem me encontrei não cheiravam como ela. Os africanos percebiam seu odor. Se vinham à loja quando Zabeth estava lá, faziam careta e às vezes se retiravam.

Metty, o garoto mestiço que crescera na casa de minha família na costa e que viera juntar-se a mim, dizia que o cheiro de Zabeth era forte o bastante para espantar os mosquitos. Eu achava que aquele cheiro afastava os homens, a despeito da opulência de Zabeth (apreciada no lugar) e de seu *nécessaire*. Pois Zabeth era solteira e, que eu soubesse, não vivia com ninguém.

Mas o odor tinha o papel de manter as pessoas a certa distância. Foi Metty — que aprendia rapidamente os costumes

locais — quem me disse que Zabeth era feiticeira e conhecida como tal na região. Seu cheiro provinha de unguentos protetores. Outras mulheres usavam perfumes e fragrâncias para atrair; os unguentos de Zabeth repeliam e alertavam. Ela estava protegida. Ela sabia, e os outros sabiam.

Até então eu tratara Zabeth como *marchande* e boa freguesa. Agora que sabia que em nossa região ela era uma mulher de poder, uma profetisa, não conseguia esquecer-me disso. Seu feitiço também funcionara sobre mim.